

Problemas iguais, técnicas diferentes

Carolina Nogueira
Da equipe do **Correio**

O senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) já sabia que teria um dia difícil. Na manhã de ontem, poucos minutos antes do início da leitura do relatório do senador Saturnino Braga (PSB-RJ) que recomendou a cassação dele e do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), Arruda telefonou para seu acupunturista, a quem recorre nos dias de maior tensão. "Reserve um horário para mim hoje, no fim do dia". E ouviu a resposta do amigo de muitos anos: "Venha mesmo, senador, o senhor está precisando".

Arruda quis acompanhar a leitura do relatório de Saturnino no Senado, em meio ao burburinho. Chegou às 9h30 e se trancou em seu gabinete. Assistiu a tudo pela televisão, cercado apenas por seus assessores e pelo filho Rodrigo, que passou a manhã com o pai. O único parlamentar a passar pelo gabinete para prestar solidariedade foi o deputado Arthur Virgílio, que fez uma visita de 20 minutos no final da manhã. Pelo telefone, o ministro Pimenta da Veiga também confortou o senador.

Quando recebeu os jornalistas, logo depois da sessão do Conselho de Ética, Arruda não escondeu a indignação com o resultado do relatório. "O texto tem uma análise com grande dose de equilíbrio, o que contrastou com o final do relatório. Eu prefiro o senador Saturnino de ontem (terça-feira), que se dizia sensibilizado com minha defesa, do que o de hoje (ontem)", comentou. Disse e repetiu que não aceitava ter seus erros comparados aos do ex-senador Luiz Estevão. "Para tudo há uma medida. Eu acho desproporcional comparar o caso de quem teve acesso a uma lista com o desvio de milhões de reais".

No início da tarde, consciente da gravidade da sua situação, o isolamento deu lugar a uma ofensiva de guerra. Arruda partiu para o plenário com algumas cópias de seu "memorial de defesa" embaixo do braço. O documento, construído por ele e por seus advogados, está sendo distribuído aos senadores desde a última sexta-feira. São seis páginas que combinam uma defesa formal, fundamentada juridicamente, com uma carta emotiva, na qual Arruda apela aos senadores por uma pena mais branda.

No plenário, Arruda não parou quieto um minuto. Fez questão de procurar o senador Saturnino Braga e o cumprimentou com um abraço. "Não guardo mágoa de Saturnino, nem de ninguém. Não posso culpá-lo", afirmou.

Depois de falar com o relator,

Ronaldo de Oliveira



ARRUDA LAMENTA O PEDIDO DE CASSAÇÃO: "PREFIRO O SATURNINO QUE SE DIZIA SENSIBILIZADO COM MINHA DEFESA"

Arruda começou a peregrinação. Conversou com praticamente todos os senadores presentes. Seu semblante era de quem buscava ajuda. A cada um que acabava de conversar, corria os olhos pelo plenário, em busca do próximo interlocutor. E novamente se levantava, trocava apertos de mãos e começava uma nova conversa.

Encerrado o corpo-a-corpo, saiu do plenário discretamente. Foi direto para o consultório de seu acupunturista. O senador recorre à prática oriental há pelo menos cinco anos, mas nos últimos meses, as visitas se intensificaram. Na acareação, no depoimento no Conselho de Ética ou nos discursos em plenário sobre o episódio, os dias acabaram da mesma maneira. Com agulhadas. Ontem, no entanto, o alí-

vio da acupuntura não durou muito tempo. Logo depois de sair da consulta, Arruda se reuniu com advogados para dissecar o relatório.

PRIMEIRA FILA

Enquanto o ex-tucano se esforçou em busca de apoio, o senador Antonio Carlos Magalhães tentou demonstrar tranqüilidade durante todo o dia. Pela manhã, assistiu à leitura do relatório de Saturnino pela televisão. Minutos depois de encerrada a sessão, convocou uma entrevista para negar a possibilidade de renúncia e criticar o relatório. "O relator foi faccioso, acho que estudou pouco a matéria. O relatório é uma aberração", disse.

Depois de bradar contra o relator e a imprensa — acusada por

ele de manipular a opinião pública — ACM se reuniu com os três advogados de defesa e com os senadores baianos membros do Conselho de Ética, Waldeck Ornelas e Paulo Souto. A reunião durou cerca de uma hora e por volta das 14h45 o senador baiano saiu para almoçar em casa, como faz rotineiramente.

De volta ao Senado, no meio da tarde, Antonio Carlos seguiu para o plenário e sentou na primeira fila. Ao seu lado, estava Ornelas e, atrás, Paulo Souto. O senador baiano se manteve discreto durante toda a sessão, se levantando apenas uma vez para conversar com o recém-eleito presidente do PMDB, senador Maguito Vilela (GO), que estava sentado do outro lado do plenário.

■ COLABOROU DANIELA NAHASS